

## Não-ser, predicação e enunciado falso: a mistura como fundamento do discurso

Lucas D. Alcarás<sup>1</sup>, Eliane C. Souza<sup>2</sup>

1. Estudante de IC da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar; \*[lucasalcaras@live.com](mailto:lucasalcaras@live.com)

2. Pesquisadora do Depto. Filosofia e Metodologia das Ciências, UFSCar, São Carlos/SP

Palavras Chave: *Platão, Filosofia Antiga, Filosofia da Linguagem*

### Introdução

É inegável o prestígio que Platão têm na filosofia grega. Suas ideias apresentam grande bagagem filosófica de seus antecessores e as implicações de suas teses geram grande divergência entre os intérpretes até hoje. Contudo, apesar de sua grande notoriedade, há ainda outro filósofo antigo que merece igual destaque em matéria de complexidade de seus enunciados: Parmênides. Sua visão singular sobre a realidade e o objeto do pensamento geraram grande repercussão em seus sucessores, que, ao se basearam em seu *Poema* que nos adverte a impossibilidade da via do não-ser em detrimento do único caminho possível de investigação, a via do ser, geraram paradoxos insolúveis que tornaram problemático o discurso de maneira geral e a formação de enunciados falsos impossíveis. Uma vez que Platão deseja fundamentar que há maneiras corretas e incorretas de discursarmos a respeito das coisas, não é de pouca monta o objetivo dele em seu diálogo *Sofista*. A solução que ele nos apresenta na seção final de sua obra deixa claro os critérios e os fundamentos que possibilitam o discurso verdadeiro ou falso. A necessidade da mistura, para que nos seja possível dizer “o homem é bom” ou qualquer outro enunciado, é o ponto central para a solução dos paradoxos que Platão deseja superar. E para isso sua estratégia é inigualável, pois soluciona os problemas que deseja sem admitir os preceitos sofísticos e respeitando os limites da tese de Parmênides.

### Resultados e Discussão

O diálogo *Sofista* se inicia com o problema da definição dessa figura. Contudo este trabalho não se concentra no problema da definição, mas sim em apresentar a maneira como Parmênides concebe ser e não-ser e como os sofistas se apoderam dessa concepção para formular um argumento contra a possibilidade do enunciado falso. Parmênides adverte a impossibilidade da via do não-ser em detrimento do único caminho possível: a via do ser. E, dessa forma, se *apenas o que é é possível ser pensado e dito* (verso 1, fragmento VI), temos como consequência lógica de seu argumento que o não-ser é impensável e indizível. Ao tomar ser e não-ser como completamente contrários um ao outro, e com os sofistas se apropriando de tal advertência com o discurso falso compreendido nos limites do não-ser, temos que os enunciados falsos são extintos e todos os discursos seriam verdadeiros. Dessa forma, a linguagem não teria finalidade informativa com vistas ao conhecimento, mas se resumiria às ações humanas, se transformando em ferramenta de persuasão. No que tange o problema do não-ser, Platão nos apresenta a dificuldade em encontrarmos o que levaria o nome de não-é. E *sendo impossível apontar, dizer e pensar alguma coisa que não-seja* (*Sofista*, 241a), fica patente a dificuldade em comprovar que o discurso falso seja

possível. Pois, essa declaração tem a *ousadia de supor que o que não-é é, pois de outra maneira a falsidade não viria a ser* (*Sofista*, 237a). Ora, se o falso é impossível de ser enunciado em virtude da impossibilidade do não-ser, fundamentada na única via possível de investigação, então o próximo passo de Platão é examinar este ser que a tradição julgou possível discursar. Mas sua análise será surpreendente. E para deixar claro que este é tão impossível de ser enunciado como seu contrário, tem o problema da predicação.

Ao enunciarmos algo, por exemplo, “Sócrates é músico”, temos um problema. Neste enunciado temos “Sócrates” e aplicamos a qualidade “músico” a ele ligando-as pelo “é”. Assim, atribuímos a algo várias denominações diferentes, pois poderíamos ainda dizer que além de “músico” seria também, “filósofo”, “baixo” e “careca”. Como podemos admitir que este único indivíduo receba inúmeras denominações? Ou “A é A” ou “A é B”, e a segunda opção é negada por aqueles que dizem que só podemos dizer sobre algo aquilo que esta coisa é. Negam, assim, a comunhão de gêneros e a multiplicidade presente nas coisas. O ser, a única via possível de investigação, agora se apresenta tão inacessível e complexa quanto a via do não-ser. O problema da predicação, presente na tradição examinada tem como ponto central o problema do movimento e repouso, que sendo opostos, jamais são tomados em conjunto.

### Conclusões

Platão nos apresenta toda uma tradição de pensamentos que se mostram no impasse, com paradoxos insolúveis que inviabilizam o discurso. A necessidade de expor tais aporias pode ser justificada em virtude de outros diálogos tratarem de tais questões mas que diferente desta obra, não alcançam uma solução. E sua estratégia para tomar tais termos em conjunto é magnífica: E assim, tal como ser e não-ser, movimento e repouso poderão coexistir, sem que para isso um seja confundido com o outro. O problema presente em ambos será dissolvido quando Platão deixar de tomar tais termos como contrários e redefini-los. E a mistura e a alteridade é o ponto chave de sua solução.

### Agradecimentos

A professora Eliane Christina de Souza pela orientação e apoio no estudo desta magnífica obra de Platão E ao CNPq que não somente motivou a pesquisa com o auxílio financeiro, mas que proporcionou e despertou o desejo pelo trabalho acadêmico.

### Referências

PLATÃO. *O Sofista*. Tradução de H. Murachco. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.